

- O texto original da Bíblia Hebraica, nos seus conceitos básicos (pp. 33-71);

- As traduções da Bíblia Hebraica. Do hebraico ao aramaico: targums (pp. 73-105);

- A Bíblia dos Setenta: do hebraico ao grego (pp. 107-145);

- Traduções influenciadas pela Bíblia Hebraica e pela Setenta (pp. 147-217);

- Do grego ao latim: a Vetus Latina (pp. 219-249);

- Da Vetus Latina à Vulgata Latina: S. Jerónimo (séc. IV-V) (pp. 251-298);

- Da Vulgata à Neo-Vulgata (pp. 299-312).

A tudo isto acresce um conjunto de sete suplementos, assim intitulados:

- A Bíblia dos Setenta e Flávio Josefo,

- A Setenta e os cristãos,

- Prólogo de S. Jerónimo aos livros dos Reis,

- Edição atual da Peshitta,

- Prefácio da Vulgata Sisto-Clementina,

- Uma Vulgata Hispana?

- Manuscritos unciais do Novo Testamento.

O autor desta obra é sobejamente conhecido no panorama bíblico português – e não só! –, em virtude do enorme labor de estudo, ensino e divulgação bíblicos, da direção da Revista Bíblica e da Difusora Bíblica, assim como de uma ampla pastoral bíblica que, ao longo dos anos, ele e os seus confrades Capuchinhos têm vindo a desenvolver no nosso país.

A obra em epígrafe reveste-se de um particular interesse, dado que, apesar de haver diversos artigos de revista e capítulos de obras sobre as línguas da Bíblia, esta é a primeira obra, em língua portuguesa, que trata o assunto de forma detalhada, sistemática e ampla. Este tratamento aprofundado parece, à partida, conferir-lhe um carácter enciclopédico e assim retirar-lhe pertinência e interesse pedagógicos, mas facilmente se

descobre que, pela sua organização (a obra aparece bem sistematizada) e fundamentação (a bibliografia é, no geral, ampla e credível) é uma obra de leitura e de consulta que, em muito, pode contribuir para um melhor conhecimento das línguas em que foi escrito e traduzido “O livro dos livros” e, por essa via, para uma paixão acrescida para com o texto bíblico e a sua interpretação. Sinal desse intento pedagógico é não só a imensa bibliografia sugerida, como os suplementos referidos e um índice temático e onomástico pelo autor colocado no final da obra.

JOÃO ALBERTO SOUSA CORREIA

ESPIRITUALIDADE

Cruz da Silva, Álvaro, *Desafios do Papa Francisco aos consagrados e consagradas* (Coimbra: Editorial Franciscana, 2015), pp. 128, 210x150, ISBN 9789727842841.

A obra que agora apresentamos é um pequeno livro em que o título começa por induzir o leitor num certo equívoco: pensará ele que o texto parte dos desafios do Papa Francisco para proceder, de seguida, à sua reflexão ou, porventura, fundamentação. Contudo, não é isso que acontece. O livro apresenta-se essencialmente como um ensaio de teologia da vida consagrada, como o próprio autor o reconhece: “no intuito de dizer hoje ao mundo um sim, mais convicto do que aquele que dissemos ontem, é indispensável uma boa aproximação à fenomenologia da Vida Consagrada, que consiste numa teologia integrada, onde conjuntamente sobressaem os tratados da cristologia, da pneumatologia e da eclesiologia, juntamente com as orientações atuais do Magistério da Igreja” (p. 18).

Conjugando a simplicidade com a profundidade e a atualidade, situa-se numa linha de fronteira entre a espiritualidade e a teologia bíblica e é um exemplo de como conjugar uma com a outra, retirando desta um enorme contributo para a temática da vida consagrada, porque apoiada nos seus fundamentos, o Novo Testamento.

Partindo de uma breve reflexão sobre “a existência cristã, uma existência em relação” (pp. 19-26), o autor apresenta:

- “a dinâmica do chamamento” (pp. 27-54),
- “a resposta no seguimento” (pp. 55-61),
- “as riquezas” (pp. 63-69),
- “uma visão de vida consagrada” (pp. 70-74),
- “o que diz o Evangelho” sobre a castidade, a pobreza e a obediência (pp. 75-90),
- “a comunidade” (pp. 91-104),
- “da criação à ‘nova criação’” (pp. 105-112).
- “o Reino de Deus” (pp. 113-118).

O livro termina com uma “síntese conclusiva” (pp. 119-121) que, mais do que síntese e conclusão, se apresenta como um conjunto de afirmações provocadoras para os consagrados e consagradas, num mundo em que os seus modelos e paradigmas sofrem um claro processo de reinterpretação e redirecionamento.

Proporcionando uma leitura leve e descontraída, pode ser uma boa ajuda para quem queira fazer uma primeira aproximação à questão dos fundamentos da vida consagrada.

JOÃO ALBERTO SOUSA CORREIA

Rupnik, Marko Ivan, *A arte da vida. O quotidiano na beleza* (Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2015), pp. 216, 220x145, ISBN 9789723907995.

O livro em questão, escrito ao longo de vários anos, não pretende ser exaustivo. É antes, no dizer do seu autor, “um livro que abre seriamente algumas das questões que considero fundamentais e essenciais para recuperar uma visão íntegra e superar fracturas nas quais jaz a nossa consciência cristã de hoje: a teologia, ou melhor, as teologias vão por um lado, a pastoral apresenta-se como uma questão de metodologia separada do conteúdo; a espiritualidade como uma espécie de processo psico-cultural secularizado com devocionismos para satisfazer as exigências religiosas; a liturgia e a eclesiologia submetidas à gestão dos gostos subjectivos; a construção de igrejas como espelho de uma identidade perdida” (p. 6).

De extensão diferenciada, são sete os capítulos que o compõem, todos eles densos e profundos:

1. Educar e formar
2. A imaginação
3. Uma habitação segundo o homem novo
4. A roupa
5. A comida
6. O fracasso
7. A conversão da mente à vida

O que o autor defende é propõe é que as dimensões humanas do pensar, do habitar o espaço, do vestir-se, do comer, da educação, da imaginação, do trabalho e até mesmo do fracasso são oportunidades de revelação da vida nova, da humanidade redimida. Quando assim acontece, o ser humano volta a ser feliz e a fé torna-se a força da Beleza, a espiritualidade da Sabedoria, o Esplendor da Luz sem ocaso.

O livro é todo ele uma leitura da vida em chave de beleza e uma exaltação desta, dado que “uma Igreja sem beleza pode